



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 5, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 5 - EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.05.27>

Recebido em: **22/07/2020**

Aprovado em: **26/07/2020**

POTÊNCIAS TRANSMASCULINAS E EDUCAÇÃO

THOMAS CARDOSO

<https://orcid.org/0000-0003-1577-4271>

RESUMO

A presente pesquisa teve como objeto questionar a permanência/não permanência das existências Transmasculinas nos espaços educacionais. No Brasil não há investigações específicas sobre a população Trans, e nem reconhecimento das identidades de gênero, o que existe é a invisibilidade social e política, bem como as múltiplas formas e expressões de violência que os atingem diariamente. A partir dessa perspectiva foi construída uma imersão nas teorias Transfeministas, além de Michel Foucault, Thomas Laqueur, Judith Butler, Berenice Bento, entre outras/os. Esta pesquisa também se propõe uma discussão bibliográfica sobre a construção de corpo, sexualidade e a problematização da categoria corpo, uma breve discussão sobre masculinidades e Transmasculinidades. Tendo em vista a importância da educação ampliar seus olhares e saberes sobre os diversos modos existências, para que se inclua as diversidades corporais e identidades de gênero em suas teorias e práticas, é nesse sentido que esse artigo tem como objetivo questionar as invisibilizações dos corpos Transmasculinos nos espaços educacionais, como se reforçam a subalternização e a marginalização destes sujeitos. Esta pesquisa, então, visa contribuir para o campo de estudos da temática de gênero e educação. Em síntese, pensar sobre as existências Transmasculinas nos ambientes educacionais é urgente, principalmente em se tratando da permanência destes sujeitos nestes espaços.

Palavras-chave: Transmasculinidades. Educação. Corpo. Transgeneridade. Masculinidades.

ABSTRATC

This research aimed to question the permanence / non-permanence of Transmasculine existences in educational spaces. In Brazil, there are no specific investigations on the Trans population, nor recognition of gender identities, what exists is social and political invisibility, as well as the multiple forms and expressions of violence that affect them daily. From this perspective, an immersion in Transfeminist theories was built, in addition to Michel Foucault, Thomas Laqueur, Judith Butler, Berenice Bento, among others. This research also proposes a bibliographical discussion on the construction of the body, sexuality and the problematization of the body category, a brief discussion on masculinities and Transmasculinities. Bearing in mind the importance of education to broaden their views and knowledge about the different modes of existence, so that body diversity and gender identities are included in their theories and practices, it is in this sense that this article aims to question the invisibilities of Transmasculine bodies in educational spaces, how the subordination and marginalization of these subjects are reinforced. This research, then, aims to contribute to the field of studies on the theme of gender and education. In summary, thinking about Transmasculine existences in educational environments is urgent, especially when it comes to the permanence of these subjects in these spaces.

Keywords: Transmasculinities. Education. Body. Transgeneration. Masculinities.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo cuestionar la permanencia / no permanencia de las existencias transmasculinas en espacios educativos. En Brasil, no hay investigaciones específicas sobre la población Trans, ni el reconocimiento de identidades de género, lo que existe es la invisibilidad social y política, así como las múltiples formas y expresiones de violencia que los afectan a diario. Desde esta perspectiva, se construyó una inmersión en las teorías transfeministas, además de Michel Foucault, Thomas Laqueur, Judith Butler, Berenice Bento, entre otros. Esta investigación también propone una discusión bibliográfica sobre la construcción del cuerpo, la sexualidad y la problematización de la categoría del cuerpo, una breve discusión sobre masculinidades y transmasculinidades. Teniendo en cuenta la importancia de la educación para ampliar sus puntos de vista y conocimiento sobre los diferentes modos de existencia, de modo que la diversidad corporal y

las identidades de género se incluyan en sus teorías y prácticas, es en este sentido que este artículo pretende cuestionar las invisibilidades de los cuerpos transmasculinos. en espacios educativos, cómo se refuerza la subordinación y la marginación de estos sujetos. Esta investigación, entonces, tiene como objetivo contribuir al campo de estudios sobre el tema de género y educación. En resumen, pensar en las existencias transmasculinas en entornos educativos es urgente, especialmente cuando se trata de la permanencia de estas materias en estos espacios.

Palabras clave: Transmasculinidades. Educación. Cuerpo. Transgeneración Masculinidades

INTRODUÇÃO

Parto do lugar de homem Trans, professor de Licenciado em Educação Física para pensar o lugar que pessoas Transmasculinas[i] estão/ não estão ocupando nos espaços de educação. Problematizar como “o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”. (RIBEIRO, 2017, s.p.). Neste sentido, todos os conhecimentos são situados, social e historicamente e, portanto, parciais: “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo.” (RIBEIRO, 2017, s.p.).

A questão da invisibilidade da nossa existência é um dado estrutural, não há investigações sobre a população Trans, não há o reconhecimento das nossas identidades, o que existe é a supressão por parte do Estado em gerar dados oficiais sobre a realidade de pessoas Trans [ii]no Brasil.

Segundo os dados do Grupo Gay da Bahia - GGB (2019) cada 26 horas um LGBT+ é assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o relatório de 2019 reafirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais, segundo apontamentos do Wareham (2020) essa taxa corresponde amais da metade dos LGBTs assassinados no mundo. Além do não reconhecimento das nossas identidades de gênero, a invisibilidade social, políticas burocráticas para o reconhecimento civil, o apagamento das nossas existências, são múltiplas as formas e expressões de violência que nos atingem diariamente.

De acordo com Louro (1997) a escola é um dos espaços primários de socialização e formação dos sujeitos, onde a diversidade humana coloca em ação as mais diversas formas de relações sociais assessoradas pela cultura, como valores, princípios éticos, morais, espirituais, modelo de gestão escolar e currículo.

Evidentemente, que estes sujeitos não são resultado mecânicos das construções sociais, mas sim seres variáveis, mutáveis e sujeitos ao contexto social e histórico em que se encontram inseridos (LOURO, 1992). A construção do saber envolve, portanto, uma complexidade de variáveis que agem e interagem simultaneamente de forma dinâmica. Os sujeitos internalizam as informações transmitidas pelo meio sociais, mas também reelaboram e criam ideias sobre as maneiras de ser e agir.

De acordo com Mac AnGahill (1996) as escolas não só produzem uma ideologia sexual dominante da sociedade, mas também ativam uma cadeia de masculinidades e feminilidades heterossexuais diferenciadas que estão hierarquicamente ordenadas. Isso se dá por meio de seus currículos e de suas práticas pedagógicas, que tem historicamente subtraído os direitos das pessoas que se situam em algum dos marcadores sociais da diferença, como: gênero, sexualidade, classe social, raça/etnia e geração.

Por tanto estes espaços de construção de saberes deveriam promover práticas de liberdade às diversas formas de existir. Porém é no cotidiano educacional frente as multiplicidade (re)existências que desafiam, desestabilizam e subvertem as normatizações de gênero, que se intensificam o controle dos corpos e da existências sulbaternas.

Neste contexto, a proposta desta pesquisa consiste em investigar e questionar as invisibilizações dos corpos Transmasculinos nos espaços educacionais e como se reforçam a subalternização e a marginalização destes sujeitos. Esta pesquisa, busca contribuir para o campo de estudos da temática de gênero e educação.

Para tal, o texto está organizado da seguinte forma: partirei de análises da construção histórica de corpo e o contexto do surgimento da cis[iii]-heteronormatividade[iv], caminharei brevemente pela construção das sexualidades. Na sequência, focarei especificamente na masculinidade e

Transmasculinidades no qual apresentarei alguns conceitos centrais para os questionamentos ao qual me proponho neste trabalho.

Metodologicamente, é importante apontar que as referências deste estudo ancoram-se numa pesquisa bibliográfica, qualitativa, descritiva sobre questões de corpo, sexualidade e identidade de gênero na educação, foram investigados levantamentos embasados nas leituras a respeito do estudo abordado. O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de livros, revistas científicas e periódicos.

O CORPO HISTÓRICO

A criação de o que a gente entende hoje como identidade de mulher e homem é um produto do século XIX, é significativo considerar também que antes das conjecturas que separam a sociedade no que é masculino e feminino, isto não se constituía em um problema ou em uma questão em potencial.

Para explorar os mundos remotos e, sobretudo, para se interessar pelo que para nós tem relação com o amor e com a sexualidade, é necessário reconhecer de antemão que o que hoje definimos como “mulher”, “homem”, “feminino”, “masculino”, trata-se de conceitos ou de noções culturalmente construídos, moldados pelas sociedades, e que se encontram relacionados ao contexto geográfico e temporal nos quais os mesmos emergiram. Se tudo fosse natural, o ato de historicizar se tornaria desnecessário. (BOEHRING, 2010, p.16)

De acordo com Foucault (1988) com a origem do dispositivo da sexualidade e da posição do sexo em discurso, em meados do século XVIII e no século XIX que essa situação adquiriu status de impasse. Conforme Laqueur (2001, p. 152), “[a] natureza do sexo, [...] é resultado das nossas necessidades de falar a respeito, não da biologia”.

Segundo Laqueur (2001) até o Renascimento havia a compreensão um sexo único e dois sexos relacionais, sendo as mulheres vistas como versão imperfeita dos homens, com pênis invertidos. Ainda segundo o autor, não havia um sexo válido que diferenciava culturalmente feminino e masculino como entendemos atualmente, o que existia era apenas um sexo, cujos exemplares mais perfeitos eram facilmente julgados como masculinos, e os menos perfeitos rotulados de femininos.

De fato, argumentava Galeno, "não se encontraria uma única parte masculina que não tivesse simplesmente mudado de posição". Em vez de serem divididos por suas anatomias reprodutivas, os sexos eram ligados por um sexo comum. As mulheres, em outras palavras, são homens invertidos, logo, menos perfeitas. Têm exatamente os mesmos órgãos, mas em lugares exatamente errados. (O erro das mulheres, é claro, não se segue logicamente do "falso" de seus órgãos serem os mesmos que os dos homens, diferindo apenas na colocação. A flecha da perfeição podia seguir para um lado ou para os dois. (LAQUEUR, 2001, p.42)

O corpo na Idade Média é o resultado de várias tensões vividas, entre o material e o religioso, grandes mudanças nas práticas de adoração antes voltadas para os Imperadores representantes de Deus na terra, agora norteadas pelo Cristianismo trouxeram formas de controle sobre o conjunto de práticas reprodutivas.

E uma das principais tensões no período é aquela entre o corpo e a alma. De um lado, é fruto da bênção e da glorificação, principalmente religiosa (quando se trata do corpo de Cristo), de outro, é “desprezado, condenado, humilhado”. Isso porque “O corpo cristão medieval é de parte a parte atravessado por essa

tensão, esse vaivém, essa oscilação entre a repressão e a exaltação, a humilhação e a veneração. (ROIZ, 2009, p.406)

Com a ruralização da sociedade e o fim do império romano, as praticas cristãs ganham formas e passam a organizar a sociedade, de modo que nesse período há uma regulação ao corpo feminino e uma condenação ao modo clássico de vida.

A “tensão” entre um corpo feminino “diabolizado” e um corpo masculino “endeusado” ficaria latente no período, porque, de início, o corpo na Idade Média foi renunciado. Controlar a sexualidade feminina, seus gestos, suas práticas, sua conduta na sociedade passaria a ser uma questão mediada pela Igreja e aceita pela sociedade. Mesmo assim, o próprio corpo feminino, não deixou de também ter “tensões” entre o bem – procriação, virgindade de “Maria”, castidade e cuidado com a família – e o mal – sexualidade, prostituição, luxúria e perversão da alma- porque “o culto do corpo da Antiguidade cede lugar, na Idade Média, a uma derrocada do corpo na vida social” (37). Igualmente importante, foram os “tabus” construídos pela instituição religiosa sobre os fluidos corporais, como o esperma e o sangue. (ROIZ, 2009, p.408).

Para Foucault (1988) final do século XIX e início do século XX, as formas de administrar e organizar o poder sobre o corpo mudaram, segundo o autor através de uma difusão de regimes de discursos verdade e olhares sobre o sujeito, a sexualidade torna-se um dispositivo de controle de corpos, de identidade. Ao tratar sobre as formas de controle, Foucault aponta:

(...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244)

A primeira vez que o termo heterossexual foi utilizado data de maio de 1892, em Chicago nos Estados Unidos, por um jornal de medicina pelo doutor James G. Kierman. De acordo com Katz (1996) o conceito de Kierman para instinto sexual era equiparado ao desejo de procriação de homens e mulheres, mas este ideal de desejo começou a ser contestado por uma ética do prazer diferente. Heterossexual não era relacionado ao sexo normal, mas uma perversão. Ainda de acordo com Katz (1996) o médico Kiernan aproximou heterossexual a uma das varias manifestações de perversões sexuais.

“Os heterossexuais sentiam a chamada atração física masculina por mulheres, e a chamada atração física feminina por homens. Ou seja, aqueles heterossexuais periodicamente tinham inclinação para ambos os sexos.” (KATZ, 1996, p.32) Somente no início do século XX, o sexólogo Krafft-Ebing junto com outros estudiosos referiram se a hetero-sexual como algo normal. Segundo Katz (1996) o termo trazido pelo doutor Krafft-Ebing significava um erotismo normal de sexo diferente ainda intimamente ligado ao desvio não reprodutivo.

Conforme Foucault (1988), o fim do século XVIII trouxe mudanças significativas, as mulheres passaram a ter o reconhecimento de um corpo e um gênero específicos, deixando de ser definidas apenas em relação aos homens. Outras mudanças significativas surgiram após a Revolução Francesa e o Iluminismo os seres humanos passaram a ser entendidos culturalmente como iguais, foi necessário buscar a desigualdades em outro lugar, fora da cultura. Dessa forma, a diferença sexual

foi produzida a partir de uma idéia de natureza/biologia.

No século XVIII as coisas mudaram. O ventre, que era uma espécie de falo negativo, passou a ser o útero – um órgão cujas fibras, nervos e vascularização ofereciam uma explicação e uma justificativa naturalista para a condição social da mulher. Quando, por várias razões, a ordem transcendental preexistente ou os costumes de tempos imemoriais tornaram-se cada vez menos uma justificativa plausível para as relações sociais, o campo de batalha do gênero mudou para a natureza, para o sexo biológico. A anatomia sexual distinta era citada para apoiar ou negar todas as formas de reivindicações em uma variedade de contextos sociais, econômicos, políticos, culturais ou eróticos. [...] Qualquer que fosse o assunto, o corpo tornou-se o ponto decisivo (LAQUEUR, 2001, p. 191-192).

A hegemonia heterossexual que vigora no mundo, para Foucault (1988) pode ser pensado também como um dispositivo que constitui práticas discursivas e não discursivas com vistas a produzir a dominação por meio do controle dos corpos. A heterossexualidade foi apoderada como um dos deslocamentos do dispositivo da sexualidade.

Com o advento da modernidade, o saber sobre o sexo e seus prazeres passa a ocupar um lugar central das indagações médico-científicas. Com a reconfiguração da percepção do heterossexual, a noção da homossexualidade começa a vigorar sobre os processos de medicalização dos corpos e das práticas sexuais. Importa compreender que somente a determinação do patológico a normalidade adquire algum sentido. Para Foucault (1988, p. 128–129):

[...] a tecnologia do sexo, basicamente, vai-se ordenar a partir desse momento, em torno da instituição médica, da exigência de normalidade e, ao invés da questão da morte e do castigo eterno, do problema da vida e da doença. A „carne? é transferida para o organismo. Essa mutação se situa na passagem do século XVIII para o século XIX; ela abriu caminho para muitas outras transformações que daí derivam. Uma delas separou a medicina do sexo da medicina geral do corpo, isolou um „instinto? sexual, suscetível, mesmo sem alteração orgânica, de apresentar anomalias constitutivas, desvios adquiridos, enfermidades ou processos patológicos. [...] A medicina das perversões e os programas de eugenia foram, na tecnologia do sexo, as duas grandes inovações da segunda metade do século XIX .

A existência transexual[v], também se apresenta atravessadas pelos efeitos do biopoder. Essa subalternização se deu em meio às disputas de poder entre o isomorfismo e o dimorfismo sexual, conforme Laqueur (2001), dentro do dispositivo da sexualidade de Foucault (1988). Segundo Laqueur (2001) a releitura dos corpos, produziu uma sociedade pautada pela diferença sexual e de gênero. Os corpos passam a ser percebidos sob duas únicas possibilidades: um corpo feminino e um corpo masculino.

de uma subversão de identidades – no caso, uma identidade de gênero cisgênera e idealizada através de conceitos como 'biológico' e 'natural' – para produzir uma leitura crítica sobre a construção normativa das identidades de gênero corporificadas como algo a ser derivado (através de distintos dispositivos de poder) de um sistema 'sexo/gênero' que tem sua normalidade produzida através da naturalização da pré-discursividade, binariedade e permanência para os corpos e identidades de gênero. (VERGUEIRO, 2016, p. 45)

Assim como a homossexualidade, a transexualidade é marcada pela medicalização, e a produção de conhecimento sempre voltada a patologização dos corpos transexuais. As instruções produzidas

psicanálise e pela biologia sobre a vivência transexual funcionaram próximos, (re)produzindo poder e controle, na criação do diagnóstico das pessoas Trans.

A experiência transexual é um dos desdobramentos do dispositivo da sexualidade, sendo possível observá-la como acontecimento histórico. No século XX, mais precisamente a partir de 1950, observa-se um saber sendo organizado em torno dessa experiência. A tarefa era construir um dispositivo específico que apontasse os sintomas e formulasse um diagnóstico para os/as transexuais. Como descobrir o „verdadeiro transexual?? (BENTO, 2006, p. 132)

Essas instruções e saberes produzidos pela psicanálise se sustentaram nos pareceres do psicanalista Robert Stoller e, nas teorizações do endocrinologista Harry Benjamin. Conforme denominou Bento (2006, p. 133):

Ambos os autores [Stoller e Benjamin] definirão critérios para se diagnosticar o verdadeiro transexual. Os critérios foram estabelecidos levando em conta características inferidas como compartilhadas por todo/a transexual, o que propiciará dois desdobramentos umbilicalmente ligados: (1) a definição de protocolos e orientações aceitas internacionalmente para o „tratamento? de pessoas transexuais e (2) a universalização do/a transexual.

Ainda segundo Bento (2006) na década de 1960 os discursos institucionais e as práticas regulatórias sobre os corpos de Trans entraram em evidência e foram colocadas em jogo. Isso aconteceu, especialmente, através da criação dos Centros de Identidade de Gênero nos Estados Unidos, instituições que se destinavam a atender, especificamente, a pessoas Trans. Neste momento as pessoas Trans ganham o status de “doente mental”. Segundo Bento (2008, p. 77), “[a] sua inclusão no Código Internacional de Doenças, em 1980, foi um marco no processo de definição da transexualidade como uma doença”.

A base sócio-histórica que constrói corpos, sexos, gêneros e desejos por meio da cis-heterossexualidade concede caráter de viabilidade aos constructos produzidos no interior da norma. Isto se dá antes mesmo desses corpos serem designados como humanos. Assim, pode-se compreender com Butler (2000) que antes mesmo de serem considerados como humano, os indivíduos são sexuados e generificados. Entretanto, é dentro da própria normatizações que surgem possibilidades de escape e de (re)existência dos corpos, sexos, gêneros e desejos.

Essa crise da operação da norma regulatória inventa meios para que performances subversivas de gênero aconteçam. A Transgeneridade, por ser uma existência acaba por borrar as fronteiras do que se entende por feminino e masculino, produzindo masculinidades em corpos lidos como femininos ou vice-versa. Considerar corpos construídos como masculinos, com vagina e peitos que (re)constróem suas masculinidade desarranja certezas produzidas pelas sistema de poder, em especial, naquilo que se refere à diferença sexual e a prática cis-heterossexual naturalizada.

POTÊNCIAS TRANSMASCULINAS

Segundo Pierucci (1999), a diversidade é algo vivido, experimentado e percebido, gozado ou sofrido na vida cotidiana: na imediatez do dado sensível ao mesmo tempo em que mediante códigos de diferenciação que implicam classificações, organizam avaliações, secretam hierarquizações, desencadeiam subordinações. “A tal ponto que querer defender as diferenças sobre uma base igualitária acaba sendo tarefa difícilíssima em termos práticos, ainda que aparentemente menos difícil em termos teóricos.” (PIERUCCI, 1999, p. 33).

Entendido dessa forma coloca-se a dificuldade de defender a diferença sem reforçar as práticas discriminatórias, o que tem muitas implicações políticas para grupos sociais que têm necessidades de

defender, em determinados contextos, a atenção à diferença, como é o caso das mulheres, dos negros, pessoas Trans e Travestis e dos homossexuais, entre outros.

Partindo dessa reflexão da percepção das diversidades, no cotidiano nos deparamos com infinitas práticas performances e signos de masculinidades hegemônicas e outras tantas que fogem do padrão de masculinidade. Connell (1995, p. 188) definiu masculinidade hegemônica como: “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero.”

Quando a autora cita práticas, ela se refere a dar ênfase àquilo que os sujeitos realmente fazem, não naquilo que é esperado ou imaginado, como "reprodução" e não como "produção" social. “Falar de prática significa enfatizar que a ação tem uma racionalidade e um significado histórico. Isso não significa dizer que a prática é necessariamente racional.” (CONNELL, 1995, p.188)

Para ser homem é preciso tornar-se homem, Badinter (1993), o que propõe uma trajetória para alcançar as normatizações da masculinidade hegemônica, que precisa ser construída e conquistada. Segundo Connell (1995) a masculinidade não é fixa e nem universal, a autora reflete sobre como são (re)produzidas as masculinidades no mesmo contexto social: “em primeiro lugar uma forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela; e qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória.” (CONNELL, 1995, P. 189) A autora ainda trás outras contribuições sobre “masculinidades”:

Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de "masculinidades". Existe o perigo, nesse uso, de que possamos pensar no gênero simplesmente como um pout-pourri de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas. (CONNELL, 1995, p. 188)

Connell (1995) descreve que as masculinidades como corporificadas, sem deixar de ser sociais. “Nós vivenciamos as masculinidades (em parte) como certas tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar.” (CONNELL, 1995, p. 189)

Para as pessoas Transmasculinas, o exercício de qualquer tipo masculinidade, de práticas e performatividades não são autorizadas, no momento do nascimento quando é atribuído um sexo feminino para o bebê, a este não pertence o caráter “natural” de masculinidade. A única alternativa para serem vistos, aceitos como homens de “verdade” é seguindo as práticas e performances de masculinidade hegemônica.

Assim como as mulheres negras (cis e trans) foram invisibilizadas e ainda são em diversas esferas desta sociedade, nós, os homens trans, ainda permanecemos invisíveis socialmente e essa invisibilidade pode estar ligada diretamente à construção de uma masculinidade hegemônica pautada na cis-heteronormatividade, sustentada pelo determinismo biológico que legitima somente um tipo de corpo: o corpo cis munido de falo a partir de uma lógica binária, branca e heterossexual. (SANTANA,2019, p.95)

Quando me refiro a performatividade, utilizo um conceito de Butler (2000) para definir gênero, masculinidades e feminilidades como performático, são meios de repetições reguladas por normas internalizadas em forma de procedimento corporal, de representações e teatralização pública. Assim diz a autora: “não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia.” (BUTLER, 2000, p.154)

Quando pessoas trans reproduzem papéis de gênero, quando corporificam modos de ser cis-heteronormativo se trata de uma performance. Não existe um só modo de viver a Transmasculinidade, existem diversos modos Transmasculinos de ser, somos potências atravessadas por diversos marcadores, Santana (2019) relata a importância de pensarmos Transmasculinidades de forma interseccional:

A maneira como o homem negro trans vivencia a sua transmaculindade é diferente, enquanto homem negro trans e pobre, por exemplo, tenho especificidades que outros homens brancos trans não têm. Embora ambos soframos em algum momento o machismo, a misoginia e a transfobia, o homem branco trans não vivenciará o racismo, ele não irá experimentar ou perceber a sua passabilidade cis por que alguém o olhou como um potencial assaltante ou a polícia o parou em determinado contexto. (SANTANA, 2019, p.99)

Assim com a possibilidade de construir nossas Transmasculinidades, precisamos sedimentar lá em umas masculinidades não tóxicas, livres de estereótipos e normatizações, processos inclusive nada fácil, pois construir uma masculinidade subalterna exige um distanciamento da masculinidade hegemônica. A adaptação ao sistema[vi] exige de pessoas Trans em alguns casos, construa seus corpos através de tecnologias de gênero[vii]:

Em um determinado momento da minha transição, fiz várias pesquisas em busca de referências transmasculinas negras, mas em todos os grupos e páginas de homens trans espalhados pelas redes sociais e pela internet que tive acesso nesse período, todas as referências e representatividades eram sempre de corpos de homens brancos trans, musculosos, que já faziam uso da testosterona e realizado a tão sonhada mamoplastiamasculinizadora, ou seja, os corpos que obedeciam aos padrões de masculinidade e estereótipos de gênero que mais se aproximavam da cisgeneridade branca. (SANTANA, 2019, p.97)

Ter a possibilidade de (re)construir nossa masculinidade, é também ter a chance de repensar práticas de masculinidades opressoras, normatizadoras, machistas e patriarcais. Assim sendo ter esta possibilidade possibilita outras chances de pensar homem.

(TRANS)FORMAÇÃO PARA EDUCAÇÃO

A formulação e noção sobre o gênero e as sexualidades que se sustentam o “saber pedagógico” alicerçam-se em fundamentos: históricos, sociais, culturais e biológicos construídos pela sociedade ocidental, estruturados, sobretudo, na manutenção da cis-heteronormatividade branca e masculina.

Conforme Louro (1997) a escola divide internamente os que estão lá, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola, os saberes e as práticas pedagógicas estão envolvidos nos processos de (re)produção de subjetividades e nas relações de poder marcam os corpos nos espaços escolares, que se inicia pelas contenções a seu acesso, passando também pelas suas normas, que implicam em separações, distinções e desigualdades, que se refletem não apenas no contexto escolar, mas na sociedade como um todo.

Concebida inicialmente para acolher alguns - mas não todos- ela [a escola] foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes,

regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, "garantir" – e também "produzir" – as diferenças entre os sujeitos.(LOURO, 1997, p.57)

Historicamente as escolas tratam de excluir sujeitos que resistem ao sistema de normatização de identidades sexuais e de gênero a partir de padrões hegemônicos, assim como também quando tratam de identidades raciais ou de classes desvalorizadas socialmente. Em relação à realidade alguns espaços que se tornam territórios hostis para sujeitos marcados por identidade diferente da cis-heteronormatividade branca masculina, afirma Butler (2000, p.155):

Esta matriz excludente pelas quais os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são sujeitos, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas inóspitas e inabitáveis da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do inabitável é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito

Segundo Louro (1997) no processo educacional, entendido no seu sentido mais amplo, pressupõe construções sociais e corporais dos indivíduos estabelecendo assim certo controle sobre a existência social, a fim de e assegurar sua reprodução a partir de formas sociais transmitidas coletivamente. Trata-se de um processo com técnicas muito bem estabelecidas. Como resultado temos: discursos, representações e práticas, para corpos se fixarem sobre as identidades cis-heteronormativa branca.

Diante disso, se estabelece um processo de expulsão dos corpos desviantes, nessa perspectiva Guacira aponta para construção escolar das diferenças que:

Concebida inicialmente para acolher alguns - mas não todos- ela [a escola] foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, "garantir" – e também "produzir" – as diferenças entre os sujeitos.(LOURO, 1997, p.57)

Os espaços escolares devem ser sobre tudo espaços de libertação, onde haja orientação e des-instrumentalização dos corpos sujeitos a subalternização, por meio de ações efetivas que promovam a (re)construção de uma sociedade equânime. Por fim, conforme Foucault (1999) o poder exercido através da disciplina [viii]tem a finalidade estratégica de produzir corpos submissos. Para Foucault: “assim, a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis” (FOUCAULT, 1999, p. 164).

A distribuição de corpos em um espaço quadriculado e articulado, definindo em relação a uma determinada função e ordenando em termos classificatórios: cada preso em sua cela, cada doente em sua cama, cada aluno na sua carteira, cada empregado em seu escritório ou junto a sua máquina. Em segundo lugar, o controle da atividade mediante o horário e o ajuste dos comportamentos e gestos à temporalidade de um processo. Em terceiro lugar, a organização genética do tempo, mediante a segmentação da temporalidade de um processo e a serialização de atividades repetitivas e sucessivas. E, finalmente, a composição das séries temporais mediante uma estrita linha de mando (CASTRO, 2015, p. 93).

É debruçado sobre essas ideias e noções que devemos analisar e discutir o reflexo das práticas pedagógicas e dos processos de formação das epistemologias normatizadoras e, na produção de ausências que refletem dos corpos Trans e Travestis. “Isto se dá ao fato de que o conjunto de dominações geralmente conhecidas, a dominação colonial, é igualmente uma dominação epistemológica. Desta dominação surgem as ausências.” (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2018, p.92)

A adoção de práticas educativas que promovam o pensamento crítico seria uma forma de (re)construir os saberes sobre as diversas formas de existências, se distanciando das concepções patologizantes, construídas sobre as perspectivas médico/jurídicas de 1980.

As existências das pessoas Trans nos espaços de educação são múltiplas e singulares. Porém percebe-se uma incorformação ocasionada por estes indivíduos nestes ambientes, que ainda reafirmam um regime de disciplinamento de corpos.

Minha resistência dentro da UEFS como homem trans se dá nesse contexto de exclusões e violências vivenciados dentro das aulas de Educação Física onde por diversas vezes tive o meu corpo negado, deslegitimado, e silenciado pelos professores que em suas práticas pedagógicas legitimavam determinadas identidades e práticas sexuais que se encaixavam dentro da normatividade. (SANTANA, 2017, s/p)

Nos ambientes de práticas educativas, conforme Vergueiro (2015) o sistema de educação brasileiro é fundamentado em exclusões que invisibilizam as múltiplas existências corporais e identidades de gênero, caracterizando as colonialidades cis-normativas de saber, que afunilam o acesso e a permanência de pessoas Trans.

A falta de conhecimento sobre questões de diversidade de gênero por exemplo tem levados muitos professores a cometerem equívocos, violências e invisibilizações, dentro das aulas de educação Física da UEFS. Trago como exemplo, as diversas vezes que precisei mandar emails para alguns professores informando sobre a importância do uso do meu nome social³ em sala, lembro-me de ter escrito um e-mail e um ofício bem didático explicando ao meu professor de cinesiologia. [...] Mas infelizmente em todas as aulas da disciplina de cinesiologia, tive meu nome social negado, meu nome de registro exposto, fui motivo de chacotas e como se não bastasse ainda tinha que suportar as piadas e falas machistas, misóginas e lgbtfóbicas distribuídas pelo próprio professor durante as explicações do seu conteúdo. (SANTANA, 2017, s/p)

Os impactos da invisibilizações e exclusões já afetam vidas de pessoas Trans, em diversos sentidos, e no campo da educação é esperado o pensar e o funcionamento das engrenagens da produção de saberes, numa perspectiva que rejeite a construção de discursos que promovam determinadas epistemologias pautadas numa perspectiva que exotificam essas corporalidades e/ou marginalize.

Conclusão

Meu processo diário de transição me permite a materialização do homem que sou, porém um pouco antes e durante meu percurso de construção da docência surgiram alguns questionamentos sobre como se estruturam as opressões relacionadas a gênero e sexualidade. Estas estruturas que normatizam e regulam corpos que não tem nenhuma aparência com o corpo que tenho pensado para mim, estruturas essas que matam e marginalizam aqueles e aquelas que assim como eu não se identificam com o padrão cis-heteronormativo.

Para finalizar esse artigo, gostaria de destacar a importância de se pensar a construção de Transmasculinidades e práticas pedagógicas a partir do saberes Transfeminista, corrente já existe há

pelo menos duas décadas, promovido por teorias e movimentos sociais. O Transfeminismo surge pautado na interseccionalidade feminista voltada às questões das pessoas Trans e Travestis, com o objetivo da emancipação e autonomia, frente uma estrutura do cissexismo que mantém essas pessoas à margem.

Corpos e identidades Trans que (re)existem nos espaços educacionais operam uma desconstrução no sistema por meio de estratégias que, possibilitadas pela própria produção regulatória, desestabilizam a escola e perturbam a ordem das coisas. Esses efeitos determinam, muitas vezes, a rejeição e a exclusão desses sujeitos, justamente porque se produzem fora da norma e fogem ao controle.

Nesse sentido, procurar alternativas para se pensar a partir da diferença e da multiplicidade como uma expressão da alteridade, algumas autoras como Ana flor, Maria Clara Araujo, Viviane Vergueiro, Jaqueline Gomes de Jesus, vem dialogando sobre Epistemologias Travestis, movimento feito por mulheres Trans e Travestis, partindo do campo de estudo decolonial, pós-estruturalista para pensar teorias e metodologias que viabilizem questionamentos e problematização das pedagogias e saberes construídos sobre a ótica cis-hetronormativa branca.

Dito isso, é urgente destacar a importância de pensar e construir novas possibilidades de práticas pedagógicas que possibilitem as pessoas Trans a permanência nos ambientes de educação e a produção de saberes, pois é necessário romper com o silenciamento e ausência de alguns em detrimento de outros, na sua multiplicidade de vozes, corpos, cores e discursos. Só assim entenderemos que somos um só o questionamento e a TRANSgressão.

Referências

- BANDITER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. **A (re)invenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond/CLAM, 2006.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008 (Primeiros Passos, n. 328).
- BOEHRINGER, Sandra. **A sexualidade tem um passado? Do éros grego sexualidade contemporânea: questionamentos modernos ao mundo antigo.** “La sexualité a-t-elle un passé? De l'éros grec à la sexualité contemporaine: questions modernes au monde antique”. *Recherches en psychanalyse*, Paris, L'Esprit du Temps, vol. 2, n. 10, 189-201. 2010. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-recherches-enpsychanalyse-2010> Acesso em: 20 maio 2020.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. In:
- LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2009.
- CONNELL, Robert William. **Políticas da masculinidade**. Educação & Realidade, Porto Alegre. Vol.20, n. 2, 1995, p. 185-206.
- DE LAURETIS, Teresa. "A tecnologia de gênero". In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 17a. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- GGB- Grupo Gay da Bahia. OLIVEIRA, José Marcelo Domingos; MOTT, Luiz. **Mortes Violentas De Lgbt+ No Brasil**. 2019
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2. ed. Brasília: E-book, 2012. Disponível em: <<http://www.sertao.ufg.br>>. Acesso em: 20 Janeiro 2020.
- KAAS, Hailey. **O que é cissexismo. Transfeminismo**, 2011. Disponível em: <<http://transfeminismo.com/o-que-e-cissexismo/>>.
- KASS, Hailey. **O que é transfeminismo?** Uma breve introdução. *Transfeminismo*, 2013. Disponível em: < <http://transfeminismo.com/o-que-e-transfeminismo-uma-breve-introducao/>>.
- KATS, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Ediouro. 1996.
- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos à Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAC ANGHAILL, Mairtin. **The making of man**: masculinities, sexualities and schooling. Buckingham. 1996.

OLIVEIRA, Fabio. RODRIGUES, Liliana. **Por uma educação TRANSgressora e TRANSfeminista**: possíveis enfrentamentos à produção das ausências através da disciplinarização e subjetivação. Aprender- Cad. De Filosofia e Psicologia da Educação. Vitória da Conquista. 2018

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PRECIADO, Paul . **Testo Junkie**. N-1 edições: São Paulo, 2018.

SANTANA, Bruno Silva de. **Educação física e transgeneridade**: novos olhares e perspectivas sobre diversidades corporais e identidades de gênero. Anais do Desfazendo Gênero, Salvador. 2017

SANTANA, Bruno Silva de. Pensando Transmasculinidades Negras. In : RESTIER, Henrique; Souza, Rolf Malungo. **Diálogos Contemporâneos Sobre Homens Negros E Masculinidades**. São Paulo, Ciclo Contínuo Editorial. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é o lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento. 2017

ROIZ, Diogo da Silva. A história do corpo feminino e masculino no ocidente medieval.

Resenha de LE GOFF ; TRUONG. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2009.

VERGUEIRO, Viviane. **Explorando Momentos de Gênero Inconforme**: Esboços Autoetnográficos. Anais do Desfazendo Gênero, Natal, 2013.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

WAREHAM, James. **Hanged And Lynched**: Trans People Killed This Year. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/jamiewareham/2019/11/18/murdered-hanged-and-lynched-331-trans-people-killed-this-year/#6a1f76722d48>. Acesso em: 05 abr. 2020.

[1] Pessoas Transmasculinas são aqui entendidas como Trans, performam práticas de masculinidades, não necessariamente se reconhecem como homens. “Homens transexuais adotam nome, aparência e comportamentos masculinos, querem e precisam ser tratados como quaisquer outros homens.” (JESUS, 2016, p.15)

[2] Trans é a identidade de gênero daquele indivíduo que não se identificou com a imposição do gênero atribuído no nascimento, transcendendo. Dentro deste contexto, mulheres trans e travestis representam o espectro das feminilidades, já homens trans ou pessoas transmasculinas têm suas identidades representadas dentro do espectro das masculinidades. (JESUS, 2012).

[3] “‘cis’, prefixo latino oposto ao prefixo ‘trans’, refere-se a ‘não trans’ quando pensamos identidades de gênero. Uma ‘pessoa cis’ é, assim, simplesmente uma ‘pessoa não trans’, para os efeitos desta análise. Cissexismo, por sua vez, se refere a uma miríade de discursos institucionais e sociais, de cunho supremacista e discriminatório, que inferiorizam identidades de gênero trans*, ou ‘não cis.’. (VERGUEIRO, 2016, p. 162)

[4] “Heteronormativo: diz-se da disposição político-cultural, falsamente naturalizada como determinismo biológico, que estabelece a heterossexualidade como o único tipo de orientação sexual ‘normal’, o que faz com que todos os demais tipos de sexualidade humana sejam considerados anti-naturais e sócio desviantes.”(LANZ, 2014, p.17)

[5] Experiência transexual?, pois a transexualidade não é a pessoa. Quem vive esta experiência tem outras identidades que povoam suas subjetividades: trabalha, namora, pode ter religião, é membro de comunidades sociais múltiplas (família, grupos de interesse), como todo ser social (BENTO, 2008, p. 145)

[6] “Cistema: uma corruptela de ‘sistema’, com a intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante”. (VERGUEIRO,2015, p.225)

[7] “A construção de gênero ocorre hoje através das várias tecnologias de gênero (p.ex. o cinema) e discursos institucionais (p.ex., a teoria) com o poder de controlar o campo significado social e assim produzir, promover, e “implantar representações de gênero.” (LAURETIS, 1987, p.228)